

Biociências, UFRGS).

O estresse ativa uma rede complexa de hormônios, entre os quais a adrenalina. Esta apresenta um efeito modulador sobre a memória, onde doses moderadas são facilitadoras e doses altas são amnésicas. Entretanto, a adrenalina não cruza a barreira hematoencefálica. Pesquisadores sugeriram que alguns efeitos centrais da adrenalina pudessem ser mediados pela liberação periférica de glicose. Para testar esta hipótese, foram estudados os efeitos da administração de adrenalina sobre a memória de ratos alimentados e em jejum. Sabe-se que o jejum de 48 h em ratos causa depleção das reservas hepáticas de glicogênio, portanto, a administração de adrenalina nestes animais não provocaria aumento na glicemia e os consequentes efeitos centrais. Ratos Wistar fêmeas, adultos, foram submetidos à tarefa de esQUIVA INIBITÓRIA (EI-0,3mA). A sessão de treino ocorreu 48 h após a sessão de teste. A diferença entre os desempenhos nas sessões de treino e teste foi tomada como medida de memória. O tratamento com adrenalina (625 mg/kg) ou salina (grupo controle) injetados por via intraperitoneal foi realizado imediatamente após o treino. A administração de adrenalina apresentou efeito sobre a memória dos animais independente da condição prévia de alimentado ou em jejum. Assim, verificamos que o mecanismo de ação central da adrenalina, não deve ocorrer através da degradação do glicogênio hepático, ao menos no que se refere a sua ação sobre a memória (CNPq, FAPERGS).